

Um Passaporte Húngaro: Pesquisando Nacionalidade e Identidade

Rosangela de Oliveira Dias

Resumo: O texto apresentado busca levantar algumas questões sobre a idéia de nacionalidade num mundo globalizado e pós-moderno. Para tal utiliza o filme-documentário de Sandra Kogut um passaporte húngaro, comparando-o a uma pesquisa histórica. Tal aproximação pode ser feita pois acreditamos que, o filme em questão, como uma pesquisa histórica, produz um objeto de investigação, elabora hipóteses, levanta questões e analisa fontes.

Palavras-chave: nacionalidade, cinema-história, identidade.

Abstract: The text aims to raise some questions about the concept of nationality in a globalized and post-modern world. It takes the documentary-film Um passaporte Húngaro (A Hungarian Passport) by Sandra Kogut as material for historical research. We believe that such approach is possible, since, like historical research, it has an object of investigation, raises some questions and hypothesis and analyses the sources employed.

Key-words: nationality, history-film, identity.

O objetivo deste texto é aproximar o filme um passaporte húngaro do que seria uma pesquisa em História. Parto do pressuposto que o filme citado se aproxima bastante de uma pesquisa histórica por vários motivos. Começamos:

O início do filme nos apontaria o que suscitou a realização do filme-pesquisa, Ainda enquanto os letreiros aparecem na tela ouve-se em “off” uma campainha de telefone. Alguém atende e surge um telefone claro. É um telefonema para o Consulado Húngaro na França. O diálogo é travado em francês e a questão principal é: uma pessoa de avô húngaro tem direito a passaporte húngaro. Surge um outro telefone, desta vez escuro. Mais uma vez um diálogo em francês é travado e a questão é a mesma. A resposta dada pela pessoa que fala ao telefone preto é negativa. A pessoa que fala ao telefone claro pede um instante. Quando retoma o diálogo pergunta sobre os pais da pessoa, se são brasileiros. A resposta é afirmativa. Nova pergunta, os avós seriam húngaros? Sim os avós é que seriam húngaros. A recomendação é que sejam reunidos todos os documentos que comprovem a descendência húngara do solicitante do passaporte. Há possibilidades.

O diálogo foi travado entre alguém que deseja ter um passaporte húngaro e que acredita neste direito em função de ser neta de avô húngaro, consultando funcionários da embaixada Húngara. Está posto um tema ou objeto de investigação. Tema este que surge “derivado da perplexidade do pesquisador diante de um fenômeno”. (HONORATO &

BARRETO: 1998, p.62) O fenômeno seriam as duas respostas díspares para uma mesma questão. “Quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza de que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho.” (DARNTON. p.xv) Podemos expandir esta reflexão para o diálogo inicial do filme *Um Passaporte Húngaro*. O estranhamento causado pelo pedido de passaporte Húngaro por uma neta de húngaros que vieram para o A forma como são colocados no filme os telefonemas, um se alternando com o outro e sendo apresentados ainda junto com os letreiros permitem situar as chamadas telefônicas como o pontapé inicial para a investigação estas respostas díspares para a mesma questão. A tônica constante do filme-pesquisa será esta: alguns considerando que o passaporte sairá outros não, alguns estranhando a busca de um passaporte húngaro, outros não. Após os telefonemas, o surgimento de uma estrada de ferro sendo filmada de dentro de um trem, nos parecendo que a mesma se movimenta, nos indica que o caminho percorrido pelo solicitante do passaporte húngaro será longo.

O filme-pesquisa já tem o seu objeto: A busca do passaporte húngaro. Para torná-lo um pouco mais acadêmico e formal podemos considerar que o objeto de pesquisa é a busca de documentos que comprovem o direito ao passaporte e à nacionalidade húngaros em pleno século XXI. Busca esta realizada por uma brasileira neta de húngaros que migraram para o Brasil fugindo do nazismo alemão.

Determinado o objeto a cineasta-pesquisadora sai atrás das fontes que permitem sua busca. A avó, a quem o filme é dedicado, entra em cena como fonte oral. Não vemos a cineasta-pesquisadora, tal qual uma monografia ou dissertação acadêmica o autor não se mostra, ainda que sua escrita, no caso do filme sua fala, seja a condutora da pesquisa, a colocadora das questões e a produtora das conclusões. As imagens que ela registra e a forma como isto é feito seriam complementares e/ou elucidadoras de suas idéias.

A avó aparece em “close up” comendo, momento informal, mas carregado de emoção, são lembranças que ela narra. Ela contará sobre a saída da Hungria e dá os passaportes seu e do marido para a neta. A neta, Sandra se espanta, o passaporte da avó também é húngaro, apesar da mesma ter nascido na Áustria. É a avó também que nos aponta para o objetivo maior da busca do passaporte húngaro; obter a médio prazo a cidadania européia, já que a Hungria fará parte da Comunidade européia em 2003 (o filme é de 2001).

Alguém com passaporte húngaro terá liberdade de trabalho na Europa rica: França, Alemanha, Inglaterra. Será um migrante de luxo com direitos iguais aos dos europeus, ainda que proveniente de país pobre ou “emergente”. No decorrer do filme percebemos que a

pesquisadora-cineasta possui elementos favoráveis a sua pesquisa como tempo - em determinado momento do filme ela revela que possui um ano disponível para esta empreitada - e documentos guardados pela avó. Isto posto vejamos as questões ou hipóteses de trabalho que são colocadas a partir deste objeto e deste objetivo.

A primeira hipótese de trabalho é em relação à idéia de direito à nacionalidade húngara a partir de uma ascendência, no caso o avô. Direito este que se tornou bastante solicitado no Brasil, principalmente por netos e bisnetos de imigrantes italianos. A obtenção de um passaporte comunitário europeu facilita a entrada no mercado de trabalho e a não necessidade de vistos de permanência para viver em qualquer país da Comunidade Européia, enfim, uma entrada honrosa para o mundo rico e industrializado europeu. O novo europeu se torna um migrante de luxo, com os mesmos direitos dos que nasceram na Europa. O passaporte comunitário permite ainda que, mesmo a passeio, se entre ‘pela porta da frente’ nos países ricos, não tendo que apresentar um passaporte de país terceiro-mundista na migração.

Outra hipótese de trabalho que se abre ou se coloca é em relação à questão da nacionalidade. Podemos considerar que, em sendo a idéia de nacionalidade uma construção, ela pode variar no tempo e, conseqüentemente os pressupostos para se considerar a nacionalidade de alguém também. A própria fala da avó mostra como sua nacionalidade foi perdida em função do casamento. Quando a avó dá seu passaporte para a neta ela vê com espanto que a avó não era austríaca, perdera a nacionalidade ao se casar nos anos 30 com um húngaro judeu.

A busca do passaporte e da nacionalidade húngara por alguém que não fala húngaro e que não possui nenhum vínculo maior com o país, caso da cineasta-pesquisadora, nos remete a uma outra idéia de nacionalidade. Uma nacionalidade compensatória, uma nacionalidade por interesse e não mais a nacionalidade romântica que imaginava como integrantes da mesma nação e nacionalidade um grupo de pessoas que compartilhavam um mesmo território, falavam a mesma língua e possuíam costumes, religião e hábitos comuns. Não se trata de uma nacionalidade como definida por Bobbio em seu Dicionário Político:

“A referência à Nação foi, no decorrer da Revolução Francesa e, mais tarde, desde meados do século XIX até nossos dias, um dos fatores mais importantes no condicionamento do comportamento humano na história política e social. Em nome da nação se fizeram guerras, revoluções, modificou-se o mapa político do mundo (...) Na história recente do continente europeu, após a emergência do fenômeno nacional, foi invertida a ordem das lealdades, assim o sentimento de pertença à própria Nação adquiriu uma posição de total preponderância sobre qualquer outro sentimento de pertença territorial, religiosa ou ideológica (...) termo de força

emocional, permanece ainda entre os mais confusos e incertos do dicionário político.” (BOBBIO,2004: p.795)

Como é vista a questão da nacionalidade num mundo globalizado ou pós-moderno? Por que a mesma pergunta obteve duas respostas diferentes? Pelas respostas díspares parece que não há um procedimento padrão ou uma legislação específica que dê conta na Hungria desta questão. Por que Sandra teria direito a esta nacionalidade? Podemos colocar que, a busca de um Passaporte e Húngaro e da nacionalidade húngara, esbarra na idéia de nacionalidade construída nos séculos XIX e XX? Afinal esta nova húngara não possui as características necessárias para “ser” húngara: não sabe húngaro, não vive na Hungria, não conhece suas músicas, não torce pela seleção húngara. O desejo de tornar-se húngara não provém de uma subjetividade, ainda que fabricada, mas de uma objetividade: possuir um passaporte comunitário na Europa facilita muito a vida.

A partir daí a cineasta pesquisadora empreende uma verdadeira pesquisa que engloba visitas ao Arquivo Nacional Brasileiro e a Arquivos na Hungria. À medida que a pesquisa avança novas questões são levantadas: a vinda para o Brasil carregada de incertezas, a política do governo Vargas em relação aos judeus fugidos do nazismo, o anti-semitismo ainda presente na Hungria de hoje, entre outras. E, sempre a mesma dúvida: sairá ou não o passaporte húngaro.

Devido ao pouco espaço disponível, prefiro parar por aqui e torcer para que, a partir deste pequeno texto haja interesse em assistir ao filme. Deixo aqui a referência do mesmo e a bibliografia sugerida para aprofundamento da questão.

Filme um passaporte húngaro. Direção Sandra Kogut. Co-produção Brasil, França, Bélgica, Hungria, 2001

Referências Bibliográficas:

- ANDERSON, Benedict – NAÇÃO E CONSCIÊNCIA NACIONAL. São Paulo: Ática, 1989
ANDERSON, Perry – Fernand Braudel e a Identidade Nacional in: ZONA DE COMPROMISSO. São Paulo: UNESP, 1996
BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto e HONORATO, Cezar Teixeira – MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA NA SELVA ACADÊMICA: Objeto Direto. Rio de Janeiro, 1998
BOBBIO, Norberto, MATEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco – DICIONÁRIO DE POLÍTICA. Brasília: UNB, 120 edição, 2004
DARNTON, Robert – O GRANDE MASSACRE DE GATOS E OUTROS EPISÓDIOS DA HISTÓRIA CULTURAL FRANCESA: Rio de Janeiro. Graal, 1986
HOBSBAWM, Eric - NAÇÕES E NACIONALISMO DESDE 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

HELLER, Agnes e FEHÉR, Ferenc – A CONDIÇÃO POLÍTICA PÓS-MODERNA. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998

PAMPLONA, Marco Antonio – “A questão nacional no mundo contemporâneo” in: O SÉCULO XX, Org. Daniel Aarão Reis Filho, Jorge Ferreira, Celeste Zenha, 2 ed: Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002